

# **CRIANDO FILHOS ENTRE CULTURAS**

PARA CUIDAR MELHOR DA  
FAMÍLIA MORANDO NO EXTERIOR



ALICIA MACEDO, ORG.

# CRIANDO FILHOS ENTRE CULTURAS

PARA CUIDAR MELHOR  
DA FAMÍLIA MORANDO NO EXTERIOR

CRIANDO FILHOS ENTRE CULTURAS  
Categoria: Missão / Liderança / Família

---

Copyright © Alicia Macedo, 2011

*Primeira edição:* Setembro de 2011  
*Coordenação editorial:* Bernadete Ribeiro  
*Preparação e revisão:* Mariana Furst  
*Diagramação:* Bruno Menezes  
*Capa:* Souto Crescimento de Marca

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

---

M141c  
2011

Criando filhos entre culturas : para cuidar melhor da família morando no exterior / Alicia Bausch Macedo, organizadora. - Viçosa, MG: Ultimato, 2011.

176p.; 21cm.

ISBN 978-85-7779-052-4

1. Crianças - Formação. 2. Pais e filhos. 3. Missionários. 4. Família.  
5. Cultura. 6. Relações humanas e cultura.  
I. Macedo, Alicia Bausch. II. Título.

CDD 22. ed. 649.1

---

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.  
Caixa postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557  
www.ultimato.com.br



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

# SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	7
1. Quem é o filho de terceira cultura? <i>Janet Susan</i>	9
2. Famílias missionárias resilientes <i>Alicia Macedo e Diane Morris</i>	23
3. A importância da língua materna <i>Mirna Barbosa</i>	33
4. Criando filhos pequenos em outra cultura <i>Maria Cristina Araujo</i>	43
5. A importância da paternidade <i>Antônio Passos</i>	55
6. A vida devocional da família missionária <i>Ann Borquist</i>	63
7. Reentrada: despedida, transição e integração <i>Janet Susan</i>	71
8. Tempo de crise no campo <i>Jovelina Cruz</i>	81
9. Saúde emocional dos filhos de missionários <i>Vera Lúcia Rodrigues Maia</i>	89
10. Crianças no mundo muçulmano <i>Steve Bryant</i>	101
11. Criando filhos com necessidades especiais <i>Marta Dias Hoadley</i>	111

12. No campo missionário com um filho com necessidades especiais <i>Carlos Brandão</i>	121
13. A construção da identidade no contexto multicultural <i>João Marcos Cardoso de Sousa</i>	129
14. Dores e alegrias de filhos de missionários <i>Antonia Leonora van der Meer</i>	139
15. A jornada de uma família missionária <i>Hans Udo Fuchs</i>	145
16. O desvio estratégico <i>Alicia Macedo</i>	153
<i>Anexo: Preparação logística para uma mudança para o exterior</i> <i>Valeirie Gill</i>	163
<i>Notas</i>	169
<i>Bibliografia</i>	172

## APRESENTAÇÃO

O movimento missionário brasileiro começou nos anos 70 com o envio de alguns missionários para campos distantes. Durante os anos 80, saiu a primeira “onda” missionária brasileira, composta de solteiros, casais sem filhos e famílias com filhos pequenos. Desde o final dos anos 90, os primeiros filhos de missionários jovens e adultos começaram a retornar à pátria, surgindo, então, os desafios da volta – dificuldades de adaptação e problemas não previstos, que talvez pudessem ter sido evitados.

Em 2007, diante do desafio da *família* missionária brasileira em criar seus filhos em outra cultura, nasceu o ministério Flechas, da Missão AMEM (WEC Brasil), em parceria com o CIM (Cuidado Integral do Missionário). Juntos eles assessoram a família missionária brasileira nas áreas de conscientização, orientação, apoio e desenvolvimento de recursos.

Até o surgimento do Flechas, poucas agências missionárias se preocupavam com o cuidado do filho de missionário. Além disso, não havia publicações em português sobre o assunto, a não ser algumas porções traduzidas do inglês e um capítulo ou outro sobre o cuidado do missionário que tratava da família missionária. Em março de 2007, Flechas produziu o primeiro manual de cuidado do filho de missionário, intitulado *Cuidando do que é Precioso*.

Há informação de qualidade em inglês sobre o tema. Portanto, precisamos utilizar essa fonte e a experiência relatada em vez de buscarmos reinventar a roda. Porém, a resposta brasileira aos missionários brasileiros não é uma simples tradução do que já existe, mas uma adaptação dos princípios que funcionam em outros contextos para a nossa realidade. É com esse intuito que aceitamos o desafio de abordar as questões mais urgentes dos filhos de missionários.

*Criando Filhos entre Culturas* busca conscientizar as famílias sobre a dinâmica da vida do filho de missionário e de como ela pode afetá-lo a longo prazo. Incentiva ações intencionais e prudentes que ajudem os pais a lidar com os desafios de criar um filho entre culturas. A discussão de temas como o perfil dos filhos de terceira cultura, a importância da língua materna, o momento crítico da volta do filho de missionário, a importância do pai, o cuidado do filho de missionário pequeno, o filho de missionário no mundo muçulmano, entre outros, visa auxiliá-los nessa tarefa.

Nosso desejo é que por meio destas páginas a família missionária brasileira seja melhor equipada para enfrentar os desafios de criar um filho entre culturas. E que os filhos de missionários tenham uma base melhor para lidar com a vida, para processar as suas experiências de forma saudável e para descobrir seu potencial, ao sentirem-se amados pelos pais e pelo Pai.

# 1.

## QUEM É O FILHO DE TERCEIRA CULTURA?

— JANET SUSAN —

É denominado filho de terceira cultura (FTC) a criança ou o adolescente que cresce em uma cultura que não é a dos pais e permanece nela por um período significativo de seu desenvolvimento. O FTC tem experiência na cultura do país em que vive e também na do país dos pais, que, se forem de culturas diferentes, podem legar-lhe mais de uma cultura nativa. Estas crianças e adolescentes vivem em um mundo transcultural, observando as diferenças culturais existentes e absorvendo-as. Eles têm esta relação com todas as culturas e extraem de cada uma o que lhes garante algum senso de pertencimento. Entretanto, não se sentem “donos” de nenhuma delas; “criam”, nesse processo, a sua própria cultura, que é uma mistura das culturas nativas com as de seus pais.

Podemos refletir sobre o FTC usando cores. Pode-se dizer, por exemplo, que a cultura dos pais é amarela; a cultura nativa, azul; logo, a cultura resultante deste grupo seria verde. Adicionando outras culturas, a cor seria diferente. Contudo, uma coisa é certa: a cor ou a cultura do FTC é individual, única, especial, particular a ele. Esta terceira cultura não tem limites nacionais nem culturais. John Brockman afirma:

Filhos de terceira cultura crescem em um mundo verdadeiramente transcultural. Eles têm incorporadas culturas diferentes em seus processos de pensamento. Isso significa que filhos de terceira cultura têm não somente acesso cultural profundo a pelo menos duas culturas, mas seus processos de pensar são também verdadeiramente multiculturais. Isso, por sua vez, influencia como os filhos de terceira cultura se relacionam com o mundo ao seu redor e torna os seus processos de pensar diferentes até dos de pessoas das culturas às quais eles têm acesso profundo. Filhos de terceira cultura são frequentemente camaleões culturais, adaptáveis, que podem escolher até que ponto vão exibir o seu pano de fundo.<sup>1</sup>

Além da mistura de culturas, há também o fator da mobilidade na vida dos FTCs — e não somente na deles, mas também na das pessoas que estão ao seu redor. Eles têm o costume de chegar, fazer amizades por algum tempo e partir para outro lugar. Em suas vidas as pessoas também chegam e saem, ficando por um tempo variável, e estão sempre em constante mudança.

O termo diz respeito não apenas aos filhos de missionários, mas também aos filhos de embaixadores, diplomatas, militares e funcionários de empresas multinacionais. Membros desses grupos saem de sua terra natal para viver em lugares os mais variados, por um período de dois a três anos, e então voltam ao país de origem — ou dão continuidade ao processo, seguindo para um novo lugar. Experimentam culturas radicalmente diferentes da de seu país de origem. Alguns navegam por diferentes culturas

diariamente, vivendo em uma durante o dia, na escola, e em outra à noite, em casa. Um exemplo é a criança que mora em um país árabe, de cultura muçulmana, tem pais brasileiros, mantendo uma cultura brasileira em casa, e estuda em uma escola internacional, onde usa a língua inglesa e a maioria dos colegas vêm de famílias europeias e americanas. Esta criança navega por pelo menos três culturas todos os dias, absorvendo aspectos de cada uma, sem perceber ou analisar nenhuma delas. Mais tarde, quando adolescente, pode ter dificuldade em discernir sua identidade, de onde veio e a que lugar pertence. O FTC é alguém cujas experiências são bem diferentes das de outros que têm uma infância comum. São crianças, adolescentes e adultos que carregam consigo as perguntas: “A que lugar eu pertença?”; “Como encaixar-me neste lugar?”; “Onde é a minha casa?”.

Na lista *You Know You're an MK When...* (Você sabe que é um filho de missionário quando...),<sup>2</sup> Andy e Deborah Kerr enumeram algumas características que identificam um FTC.

- Você não consegue responder à pergunta: “De onde você é?”.
- Você fala duas línguas, mas não sabe soletrar em nenhuma delas.
- Você voou antes de poder andar.
- Para contar sua história de vida você usa a frase “e depois nós fomos para...” no mínimo cinco vezes.
- Você prefere não falar “oi” para não ter que falar “tchau”.
- Você lê a parte internacional do jornal antes de ler as histórias em quadrinhos.
- Você tem amigos em mais de 29 países diferentes.
- Você fica incomodado ou estremece quando pessoas pronunciam palavras estrangeiras erradas.
- Você fala com autoridade sobre viagens de avião.
- Você sabe fazer malas.
- Você sente necessidade de mudar depois de estar no mesmo lugar por mais de um mês.

- Você considera curta uma viagem de menos de oito horas.
- Seus pertences estão distribuídos em três continentes.

Outras características podem ser acrescentadas a esta lista, tais como:

- Em uma cidade grande, você busca observar quantas das muitas línguas diferentes ao seu redor você entende.
- Seu grupo de amigos íntimos é formado por cinco nacionalidades diferentes.
- Mudar de “casa” significa fazer uma mala e pegar o avião.
- Em sete anos escolares, você já frequentou cinco escolas diferentes.

O número de FTCs no mundo está em crescimento. Muitos já se tornaram adultos e procuram entender melhor o seu ser, seus sentimentos, suas necessidades. De acordo com David Pollock e Ruth Van Reken, na maioria das vezes este grupo se relaciona melhor ou se identifica mais profundamente com pessoas de experiências similares, a saber, outros FTCs:

Um filho de terceira cultura (FTC) é uma pessoa que passou uma parte significativa de seus anos de desenvolvimento fora da cultura de seus pais. O FTC relaciona-se com todas as culturas que experimenta, mas não é dono de nenhuma. Embora elementos de cada cultura se tornem parte da experiência do FTC, o verdadeiro sentimento de pertencer acontece quando ele está com outros de experiências similares.<sup>3</sup>

A experiência de crescer atravessando culturas e aprender com cada uma delas é rica, porém desafiadora. Heidi Sand-Hart é uma FTC e descreve em *Home Keeps Moving* (A casa que vive mudando) um pouco do que sente:

Em uma tenra idade, FTCs são expostos a realidades que muitos amigos em seu país nunca enfrentaram. Ver pobreza extrema, mendigos e condições de moradia inumanas tem o potencial de

causar uma maturidade em nós bem cedo na vida. Estar cercados por pessoas mais velhas nas várias comunidades nos desperta um interesse por coisas incomuns para nossa idade, como política e relações internacionais. Muitos de nós vivem em partes do mundo onde há tensões entre grupos étnicos, e isto se torna parte da vida cotidiana para nós, não somente algo visto na televisão.<sup>4</sup>

Este depoimento aponta experiências produtivas e negativas para o desenvolvimento e a maturidade de um FTC. Procuremos entender alguns destes fatos.

### O PAÍS DOS MEUS PAIS NÃO É O MEU PAÍS

Heidi Sand-Hart comenta que

fomos chamados cameleões culturais e, às vezes, por causa da adaptação constante, é difícil entender quem realmente somos. Sou completamente acostumada a me sentir sozinha numa multidão, mesmo quando eles estão falando uma língua que entendo.

Os FTCs têm dificuldade de se sentir “em casa” quando chegam à terra dos pais. Podem até falar a língua do país, mas o fazem com muito sotaque. Têm dificuldade em entender o humor local e voltam a usar a língua do país de serviço, quando sozinhos com os irmãos. Um FTC comentou que as pessoas acham que FTCs são simples, ingênuos e burros, pois não sabem agir de maneira apropriada à cultura. É difícil se sentir pertencente a algum lugar quando não se conhece a cultura e a história locais.

Uma das dificuldades é entender a cultura popular. Depois de passar alguns anos fora do país, é provável que o FTC não saiba qual é a “banda da hora”, nem coisa alguma sobre os programas atuais da TV, e ainda não tenha uma identidade no Orkut. Tampouco sabe que roupa usar para ir a uma festa ou a um casamento. Os adolescentes da mesma idade não conversam sobre situações globais. Antes, falam sobre a festa do último final de semana, como eles ficaram bêbados, quem está “ficando”

com quem. Esta conversa assusta quem viveu vários anos em uma cultura onde esse tipo de diálogo é inapropriado.

Não apenas a cultura popular constitui-se um problema para o entrosamento do FTC, mas também as normas desta cultura. Para uma garota FTC, isso se revelou no momento da morte de um parente de um amigo. Este enviou uma mensagem pelo celular informando a ausência na faculdade devido ao falecimento da avó. Na cultura onde a FTC cresceu, era normal ficar com o amigo que tivesse perdido um parente até o momento do enterro. Então, ela ligou e perguntou se ele queria companhia. O amigo ficou chocado – não queria, não! A FTC ficou triste, sem entender o porquê de ele não querer sua companhia.

Para o FTC, é difícil quando as pessoas não têm interesse nas aventuras que ele viveu em outros lugares. Elas simplesmente esperam que o FTC entre no mundo delas sem questionar. Parece que estão suficientemente preocupadas com seu pequeno mundo e não têm interesse em nada fora dele. O FTC tem vários mundos e aprendeu a entender e a apreciar cada um, mesmo sendo novo. Torna-se até difícil ficar satisfeito com um mundo só! Entretanto, subitamente, o FTC encontra-se com pessoas que nunca saíram de sua cidade, nunca viajaram por mais de quatro horas nem têm interesse em saber sobre outros lugares.

Até mesmo dentro da própria família surgem estas dificuldades – por exemplo, quando as lealdades ao país são postas em questão. Imaginemos a época de Copa do Mundo. O que pode acontecer com uma família em que o pai é brasileiro, a mãe é chilena, cada um dos filhos nasceu em um país diferente e todos eles moram em outro país, totalmente diferente? Para qual país vão torcer? Não há somente um país ao qual devotam lealdade. Esta questão pode parecer superficial, porém, ela mostra uma das dificuldades que surge quando um FTC percebe que “o país dos meus pais não é o meu país”.

## DESEJO DE TER UM LAR

Para muitos FTCs, a pergunta mais difícil do mundo é: “De onde você é?” ou “Onde é o seu lar?”. Um deles elaborou sua própria resposta: “Eu sou uma mistura de todos os países onde morei. Onde minha família está, lá é o meu lar”.

Malcom Cowley comenta no livro *Exiles Return* que, se o FTC volta ao seu país de passaporte, ele quer sair de novo; se ele viaja para outro lugar, ele sente saudade de “casa” e quer voltar. Não importa o lugar, ele sente desejo de achar “o lar”. Porém, o FTC tem um lar aqui e outro ali, sem pertencer de fato a nenhum deles.

Onde estão as raízes do FTC? Na verdade, elas se encontram na mobilidade, no fato de não ter raízes. Membros deste grupo se encaixam em qualquer lugar e em nenhum lugar ao mesmo tempo. Para algumas pessoas, a falta de raízes é algo negativo, mas ela não precisa ser vista assim. Por ser fácil e natural, a mobilidade torna-se algo comum para eles; nem positiva nem negativa, mas uma realidade da vida. Um FTC é um nômade global.

Neste estilo de vida móvel, a família tem uma grande importância para alguns deles. Tempo junto, costumes familiares, datas de aniversários e outros momentos importantes como Natal ou Páscoa são pedras fundamentais para a vida, que, de outra maneira, seria bastante instável. Além disso, o uso da internet (*Skype*, *MSN*, redes sociais virtuais, como *Okurt* e *Facebook*) ajuda o FTC a se manter conectado com familiares e amigos. Para alguns, casar-se com alguém que possui raízes fixas parece ser a solução para o problema. Contudo, sem um preparo adequado, tal atitude pode levar a várias dificuldades.

## COSMOVISÃO MAIS ABRANGENTE

Uma outra característica que o FTC possui é um maior conhecimento de mundo, um entendimento mais amplo dos acontecimentos internacionais, dos conflitos étnicos e das guerras

territoriais — em suma, uma cosmovisão mais abrangente. Por causa disso, a falta de visão mais ampla de outras pessoas pode irritá-lo. Um FTC comenta que conheceu uma pessoa e a achou interessante, até que passaram a conversar sobre os pobres. Ela disse que não saberia conversar com pessoas assim, que não teria nada para falar com uma pessoa pobre. Para o FTC isso foi um escândalo, pois investiu boa parte de sua vida vivendo entre os pobres — sua mãe, inclusive, dedicava tempo ajudando essas pessoas. Naquela conversa, o FTC percebeu que seria impossível ter amizade com uma pessoa que não podia conversar com pobres! “Como alguém pode ter a mente tão limitada!” — pensou.

O FTC tem a capacidade de olhar as coisas através de perspectivas diversas, de ver que há mais de uma possibilidade, mais de uma maneira de agir, mais de um jeito de enxergar os fatos.

Entretanto, há o lado negativo desta cosmovisão abrangente. Para os outros, o FTC pode parecer um “sabe-tudo”, alguém que se acha superior aos demais, que está sempre falando de assuntos internacionais e políticas governamentais, e não sabe dizer nada sobre o filme em cartaz no cinema. A aceitação de pessoas “intelectuais” e com complexo de superioridade no grupo social nem sempre é fácil. Da mesma forma, um FTC que já conhece pelo menos duas culturas e tem a capacidade de analisar e até mesmo comparar uma cultura com a outra pode despertar rejeição das pessoas da nova cultura — e vice-versa.

Em alguns momentos, ter uma cosmovisão mais abrangente pode gerar, inclusive, frustração, como aconteceu com Heidi Sand-Hart. Na Índia, ela se sentiu como uma cidadã de segunda classe, em comparação ao seu irmão Ben, o “senhor Ben”, “Ben, o menino”. Heidi percebeu que a maioria das pessoas procurava somente a opinião de Ben, o que a deixou com um sentimento de insignificância. Ela era uma menina em um mundo de homens.

Nada podia fazer, a não ser aceitar, pois estava cercada de pessoas com uma cosmovisão diferente da dela.

#### MEDO DE SER REJEITADO

Mesmo com todas as qualidades, o FTC lida com uma dificuldade emocional: o medo de ser rejeitado, de ser chamado de “gringo”. Ele se sente diferente, sabe que não pertence de fato ao grupo no qual está e não tem como mudar a situação. Certa FTC, quando estava para ingressar em uma nova escola, pediu à mãe para não falar o sobrenome dela, pois indicaria claramente que ela não era nativa. Ela já falava a língua do local com fluência e sem sotaque, mas um olhar mais atento para a sua aparência identificaria que ela não era nativa. O desejo de pertencimento é grande, bem como a vontade de não chamar a atenção para si, por ser diferente.

#### PERDAS

No livro *Third Culture Kids*, de David Pollock e Ruth Van Recken, o fato de que os FTCs sofrem com perdas é abordado de uma maneira muito forte. Os autores dizem que todo o mundo do FTC pode acabar com uma viagem de avião; ele não perde uma coisa de cada vez — ele perde tudo, mas sem um funeral.

Uma maneira de lidar com a situação é guardando coisas que, para outros, podem parecer inúteis ou insignificantes, mas não para o FTC. Com 26 anos de idade, já casado e esperando o nascimento do primeiro filho, um FTC perguntou à mãe se ainda tinha os soldadinhos de chumbo que o pai lhe dera e com os quais ele brincara na infância. Era visível sua alegria diante da possibilidade de “brincar” de novo com os soldadinhos e guardá-los em uma caixa para dar ao filho que iria nascer.

Outra FTC ficou muito triste quando voltou à casa dos pais e descobriu que eles haviam doado o sofá que ela tanto amava e que lembrava sua infância. Ela sabia que ele era velho, gasto,

mas era o sofá da sua infância; trazia lembranças dos seus momentos em família.

Não estamos falando apenas de perder coisas pequenas, mas também de perder casa, deixar para trás uma escola, despedir-se de um cachorro; tudo isso produz dor e tristeza, sem falar na raiva de não ter um lugar para guardar certos objetos.

Perder coisas traz sofrimento. Contudo, a perda de pessoas, amizades e relacionamentos é, sem dúvida, mais dolorosa. De grande importância na vida são os relacionamentos, e os amigos do FTC são arrancados dele diversas vezes. Fazer novas amizades exige um grande esforço; para alguns, tal esforço não vale mais a pena, pois logo vão perder os amigos novamente. Contudo, há um forte desejo de ter um amigo íntimo. Às vezes, este desejo chega a causar problemas, pois quando o FTC se abre na primeira conversa, de uma maneira que normalmente só acontece depois de se conhecer a outra pessoa por vários meses, algumas pessoas se assustam. Para o FTC, saber de início se a pessoa vai aceitá-lo é importante para ele decidir se valerá a pena investir na amizade. Ao mesmo tempo, há uma tendência de evitar conflitos, de não querer resolvê-los. Mudar é mais fácil, evita o esforço de solucionar os atritos.

Existe a frustração de não poder ver os amigos por dois ou três anos, de morar longe, além da impossibilidade de juntar dinheiro para visitá-los. Há o receio de perder o casamento de amigos e parentes, de não estar presente quando um primo ou sobrinho nascer. Há também a dor de não poder ter a adolescência que outros podem ter – de ser rebelde! Em alguns casos, os pais são missionários, então os filhos precisam ser exemplares: não podem usar *piercings*, roupas modernas, ou escutar *heavy metal*. Não podem ter uma vida ordinária, pois acham que estão perdendo. Alguns rejeitam a fé dos pais, pois sentem que foram forçados a aceitá-la, que perderam a chance de escolher.